

Da narrativa
à poesia



José António Gomes

ESE | Politécnico do Porto (IEL-C do INED)

CLP | Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra

Nome literário: João Pedro Mésseder

Ilustrações: Susa Monteiro

Da narrativa à poesia

Sumário

- I. O aluno do 6.º ano
- II. 6.º ano: o cânone escolar proposto pelas Metas – visão sistematizada (narrativa)
- III. Ler narrativas – porquê
- IV. Modalidades de leitura e recursos textuais de diferentes tipologias
- V. Leitura e Educação Literária objetivos e descritores do Programa/Metas – o essencial no tocante ao texto narrativo

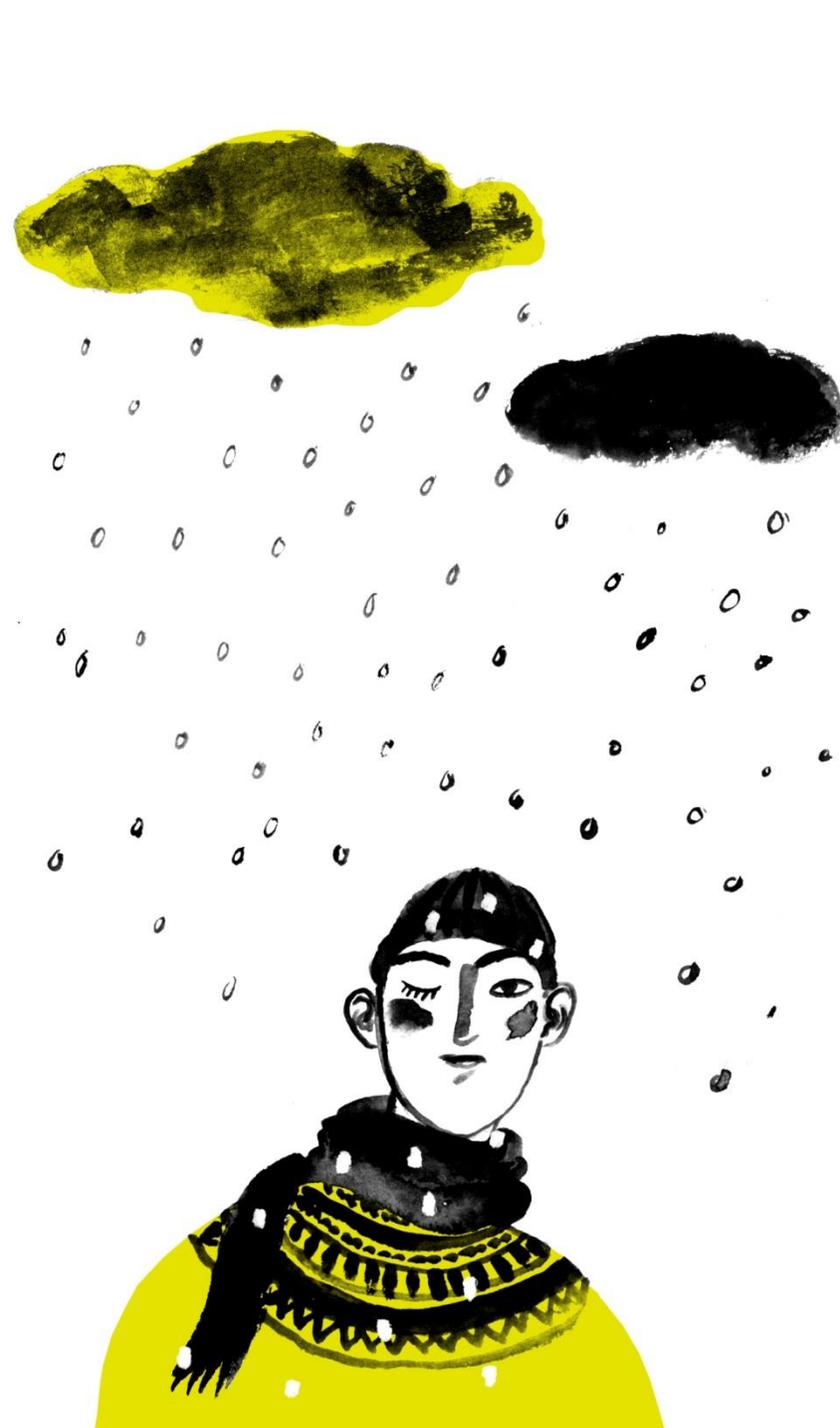


Da narrativa à poesia

Sumário (cont.)

- VI. Outros aspetos a ter em conta na abordagem do texto narrativo no 6.º ano
- VII. 6.º ano: o cânone escolar proposto pelas Metas – visão sistematizada (poesia)
- VIII. Didática da poesia: algumas reflexões
- IX. Um roteiro didático para a exploração de “Rifão quotidiano”, de Mário-Henrique Leiria
- X. “Um Literatura obriga sempre o aprendiz – seja ele professor ou aluno à prova da leitura”

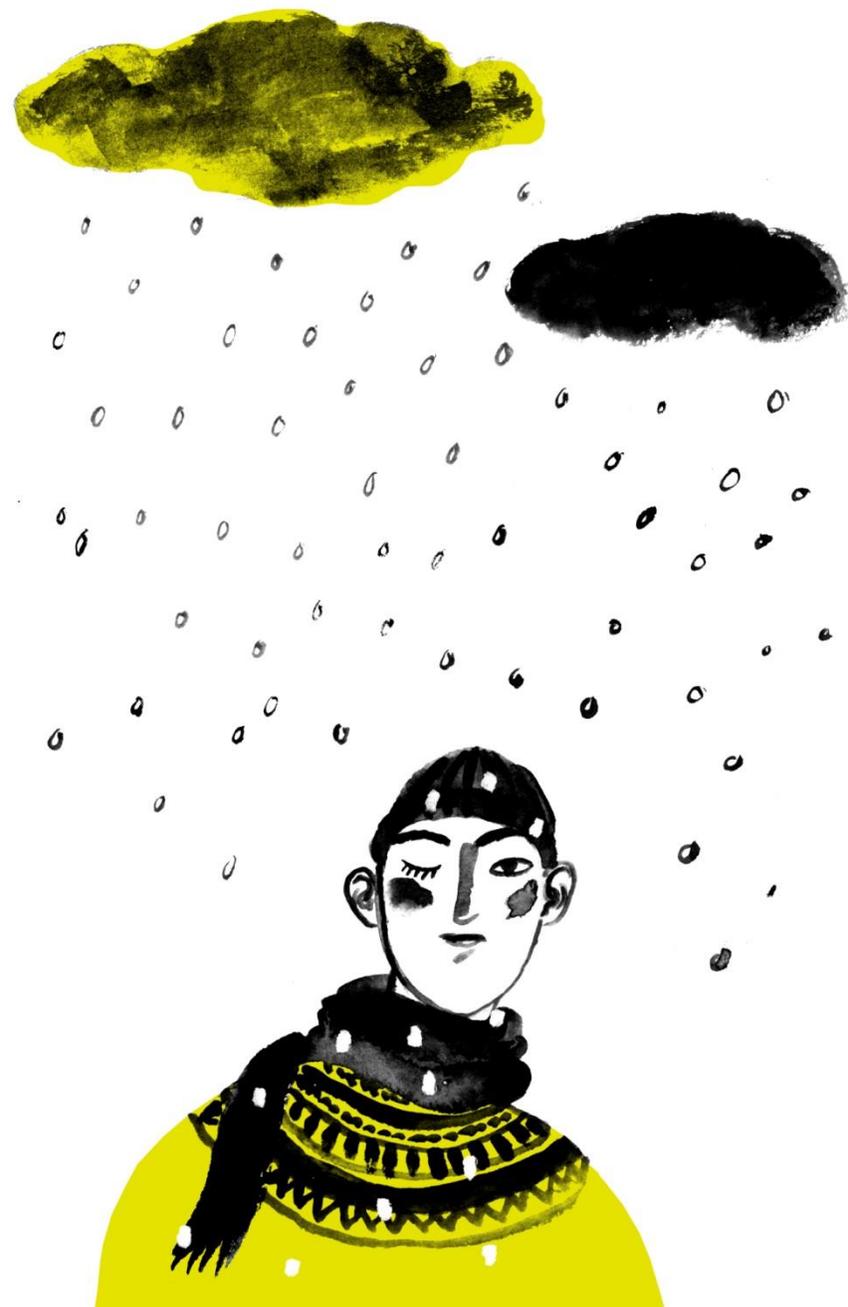




I. O aluno do 6.º ano

No fim do estágio das operações concretas (7-12 anos)

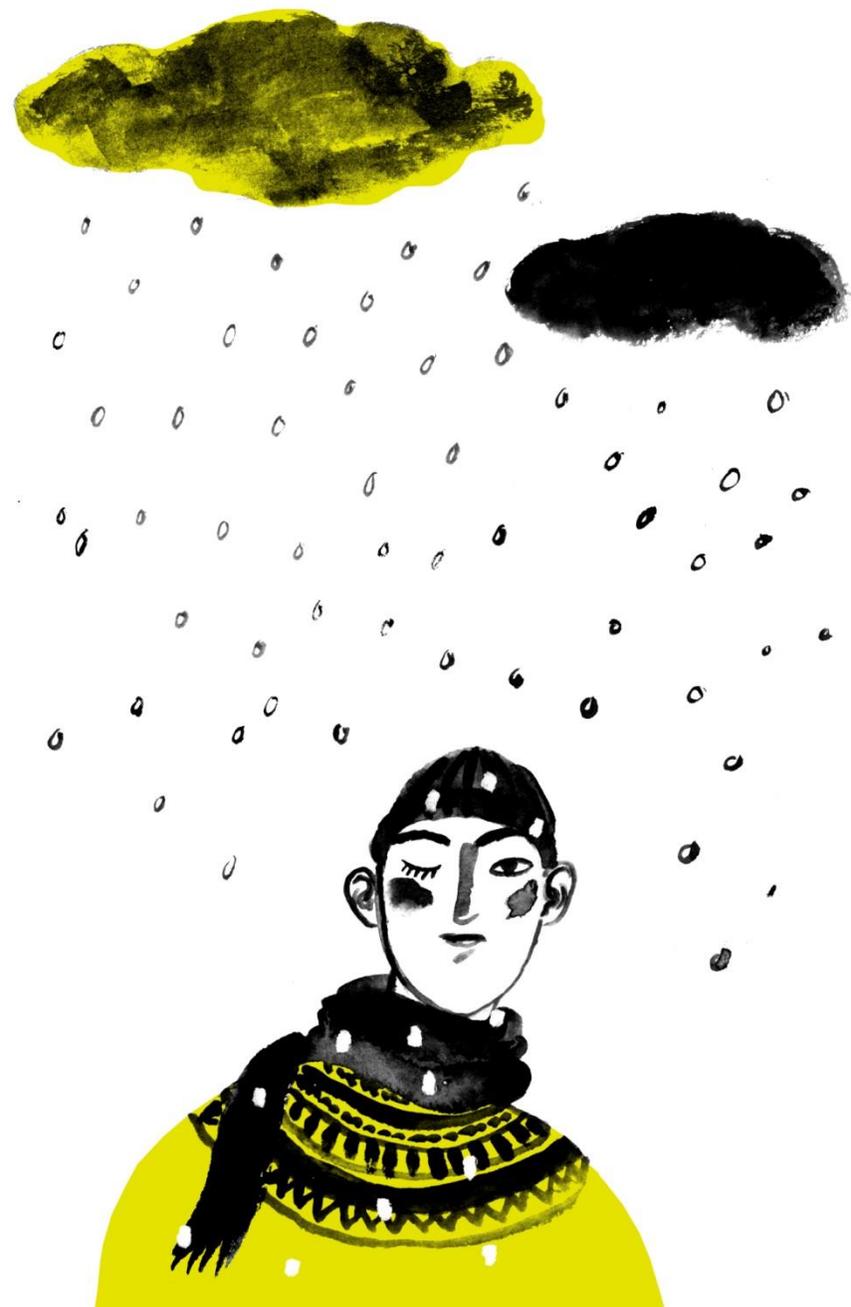
Em transição para o estágio das operações formais (11/12 - 16/17 anos)



I. O aluno do 6.º ano

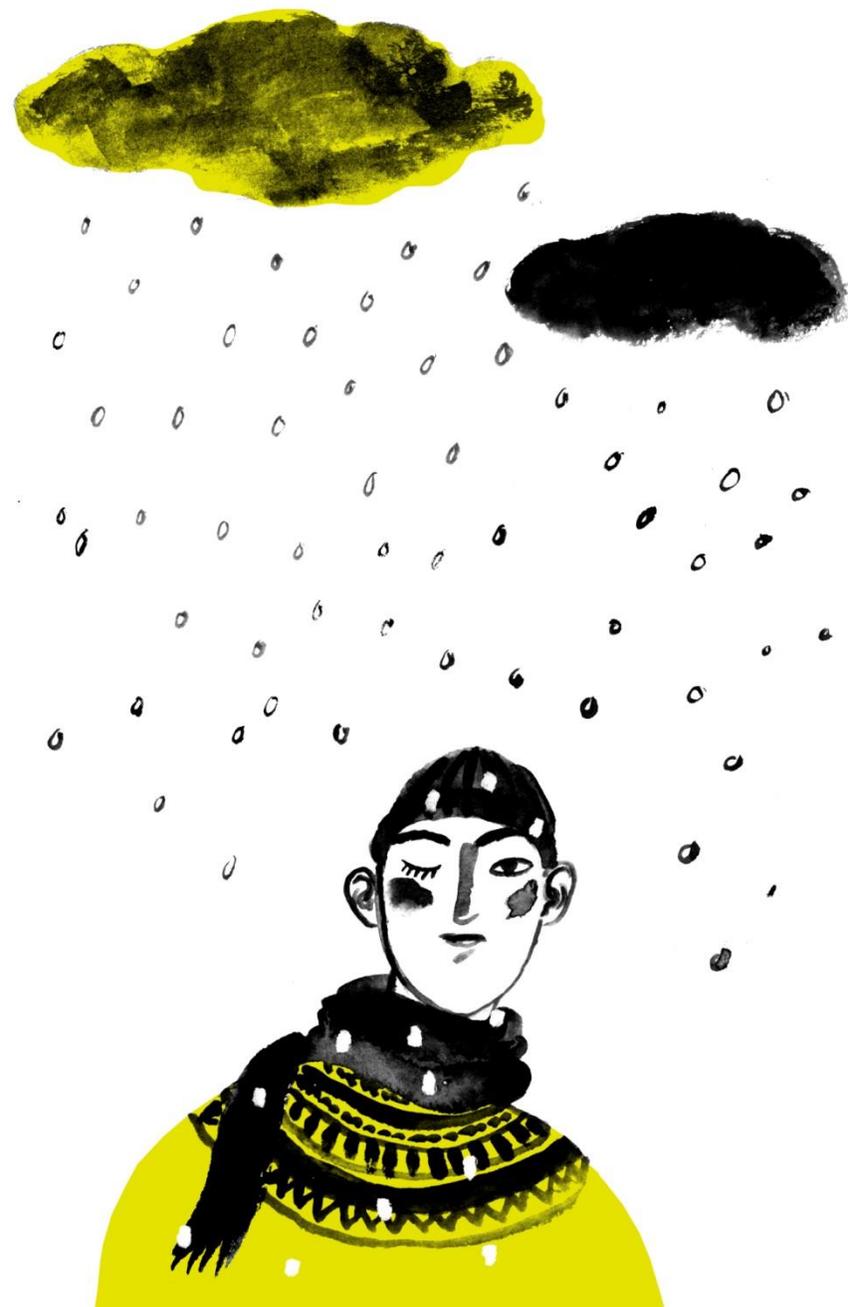
Pelas características cognitivas e psicoafectivas, necessidade de promover ou ir ao encontro de:

- Capacidade reflexiva (sobre o texto, as palavras, a vida...)
- Identificação com modelos – figuras humanas marcantes... (v. biografias, protagonistas de narrativas de ficção, heróis...)
- Interesse pela dimensão afetiva e sexual... (v. histórias de amor; lírica amorosa...)



I. O aluno do 6.º ano

- Construção de identidade e afirmação do eu, para o que a consciência da alteridade também é fundamental
- Desenvolvimento de valores – amizade, fraternidade, solidariedade, sentido de justiça, superação de egocentrismo primário... (v. sua abordagem nos textos literários)



I. O aluno do 6.º ano

- Interesse pelo real e por aspetos científicos e técnicos
- Importância do grupo mas também do indivíduo
- Desenvolvimento do sentido estético
- Reflexão metalinguística e metaliterária
- Aprendizagem de terminologia

6.º ANO: o cânone escolar proposto pelas Metas

- visão sistematizada

ROMANCE		
Educação literária: NARRATIVA	Romance (obra considerada um clássico, mas adaptada) – 4 excertos com unidade, de pelo menos duas págs.	Daniel Defoe – <i>Robinson Crusoe</i> (1719)
	Romance (contemporâneo)	Alice Vieira – <i>Rosa, minha irmã Rosa</i> (1979) ou <i>Chocolate à chuva</i> (1982) António Mota – <i>Pedro Alecrim</i> (1990)
	CONTO	
	Conto ou narrativa breve (adaptação de clássicos da Antiguidade: <i>Odisseia</i> atribuída a Homero; <i>Argonautica</i> de Apolónio de Rodes, poema épico grego helenístico, séc. III a. C.; <i>Argonautica</i> de Gaius Valerius Flaccus, poema épico latino, séc. I d. C.; <i>Metamorfoses</i> , de Ovídio (43 a.C. - 17 ou 18 d.C.)	António Sérgio – <i>Contos gregos</i> (1925) Maria Alberta Menéres – <i>Ulisses</i> (1972)
Conto tradicional (de origem oriental; de origem europeia)	De <i>As Mil e Uma Noites</i> : “Ali-Babá e os quarenta ladrões” – 4 exc. com unid. de pelo menos duas págs. Irmãos Grimm – <i>Contos</i> (1812-1857)	
POEMA NARRATIVO (vertente épica da poesia)		
Composição em verso do romanceiro (património lit. oral)	“A Nau Catrineta”; “A Bela Infanta” (rec. e adapt.: A. Garrett, <i>Romanceiro</i> , 1843 e 1851)	
Composição em verso de poeta contemporâneo	Manuel Alegre – <i>As Naus de Verde Pinho</i> (1996)	



III. LER NARRATIVAS...

Até aos dez anos, eu nunca saíra de Portugal. Mas já tinha lido uma história passada na Roma antiga, outra no Alasca, outra nos Andes. Lembro-me de uma cidade alemã onde um rapazinho desvendava um mistério, e também das aventuras de um grupo de irmãozitos em fuga, na Austrália. Lembro-me do caso de um pequeno engraxador na Andaluzia. Lembro-me de histórias passadas na América do norte, no século XIX. Como vivia essa gente? Que problemas tinham? O que comiam? Como se divertiam? E a paisagem como era? Estava tudo nas histórias! Do meu país nunca saíra, mas os livros já me tinham levado em viagem a lugares e a tempos bem diferentes.

João Pedro Mésseder, in *Palavra Puxa Palavra*, 6.º ano, ASA, 2017



IV. Modalidades de leitura e recursos textuais

Modalidades de leitura		Recursos textuais de diferentes tipologias
LEITURA GUIADA Aprender a ler um texto narrativo (TN) (romance, conto...), um texto dramático (TD), um poema lírico...	Leitura intensiva	— Excertos de narrativas ou narrativas integrais breves — Excertos de TD ou TD integrais breves — Poemas incluindo textos previstos na listagem das Metas (Educação Literária), mas não só
	Leitura extensiva	Obras das Metas (Educação Literária), obras do PNL, outras
LEITURA RECREATIVA Ler autonomamente, ler por prazer – casa, biblioteca...		Obras da Bibliotecas Escolar, da Biblioteca Pública, da biblioteca pessoal...

V.

Leitura e Educação Literária Objetivos e descritores do Programa/Metas

- o essencial no tocante ao Texto Narrativo (I)



DIVERSIDADE

Textos narrativos (TNarr), da literatura para crianças e jovens, da tradição popular, adaptações de clássicos, TNarr. que incluam descrições (retratos, descrições de locais)

COMPREENSÃO

- Sínteses parciais de segmentos textuais
- Colocação de perguntas, extração de conclusões

INFERÊNCIAS

- Antecipar assunto com base em elementos paratextuais
- Identificar sentido de palavras, expressões idiomáticas, pelo contexto
- Relacionar duas informações, inferir terceira



ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO CONTIDA NO TEXTO

- Paráfrase de períodos ou parágrafos
- Relação da estrutura do texto com intenção e conteúdo do mesmo
- Distinção de relações intratextuais de causa-efeito e de parte-todo
- Aspetos nucleares do texto articulados com os factos ou ideias, com o sentido global do texto e com as possíveis intenções do autor



LEITURA E INTERPRETAÇÃO DO TEXTO NARRATIVO LITERÁRIO

- Relação de partes do texto com a estrutura global
- Reconhecimento dos recursos expressivos e justificação da sua utilização (anáfora, perífrase, metáfora e os aprendidos em anos anteriores)
- Identificação de aspetos da linguagem que conferem a um texto qualidade literária (vocabulário, conotações, recursos expressivos, estrutura...



REPRESENTAÇÃO DE TEMAS, EXPERIÊNCIAS, VALORES NO TEXTO NARRATIVO LITERÁRIO

- Contextos a que o texto se reporta, nomeadamente os diferentes contextos históricos e a representação de mundos imaginários
- Relação da literatura com outras formas de ficção: cinema, teatro, ballet, ópera, cantiga que conte uma história... Exemplos sugeridos pelo autor desta apresentação:

Pedro e o Lobo (1936), de Sergei Prokofiev

A Arca do Tesouro (Caminho), de Alice Vieira,
Eurico Carrapatoso (música)
e João Fazenda (ilustração)

O homem da gaita, conto popular português
e a canção correspondente de José Afonso



AVALIAÇÃO CRÍTICA DO TEXTO

- Opinião crítica sobre ações de personagens ou sobre outras informações
- Apreciação crítica do interesse do tema e assunto
- Conclusão ser lógica ou não, alternativa ao desenlace ou não
- Comparar com outros textos já lidos sobre o mesmo tema ou do mesmo autor

ESCRITA

- Produção de textos de intenção literária, integrando elementos em sequência lógica, com nexos causais, usando diálogo e descrição



VI.

Outros aspetos a ter em conta na abordagem do texto narrativo no 6.º ano (I e II)



- Temáticas urbanas e questões psicossociais e de construção/afirmação da identidade, bem como importância da relação jovens/idosos nos livros de **Alice Vieira**
- Temáticas rurais, problemas de crescer em meio rural pobre e em processo de desertificação, em **António Mota**
- Aspectos da mitologia e da cultura gregas da Antiguidade em **Ulisses** e em **Contos Gregos**; os valores (solidariedade, coragem, fidelidade a um projeto...); a questão das matrizes culturais europeias
- Em **Robinson Crusoe**, natureza vs. cultura; resiliência, espírito de sobrevivência e iniciativa; companheirismo vs. exploração do outro; o tema da viagem; o século XVIII



- Maravilhoso tradicional, cunho moralizante em muitos **contos dos Grimm**, o património literário oral alemão/europeu na sua origem; o mesmo em **Ali-Babá e os quarenta ladrões** mas com matriz persa e árabe; relevância cultural e literária de **As Mil e Uma Noites**
- As características do género romance em verso a propósito de **A Bela Infanta e A Nau Catrineta**; as várias versões; papel cultural/etnográfico de Garrett; o romance como forma narrativa de poesia e sua relação com a música (Fausto, disco *Histórias de Viageiros*; Vitorino, disco *Romances*; <https://www.youtube.com/watch?v=g9f0AfST5IA>)
- As Naus de Verde Pinho** enquanto forma infantil de poesia épica contemporânea; ecos de A Nau Catrineta, da poesia trovadoresca, de *Os Lusíadas*, de *Mensagem* de Pessoa





Observações e sugestões metodológicas

- 1.** A didática da literatura deve ser antecipada pela mobilização de conhecimentos que permitam a compreensão do texto.
- 2.** A interpretação do texto deve mobilizar um conjunto diversificado de atividades e exercícios, não se reduzindo à apresentação de grelhas ou questões de verdadeiro/falso.
- 3.** A leitura orientada deve ser considerada apenas uma das formas de abordagem dos textos literários propostos pela lista anexa às Metas, ou dos recomendados quer pelo PNL quer pela Biblioteca Escolar.”

Helena C. Buescu, Maria Regina Rocha, Violante F. Magalhães. “Metas Curriculares de Português Ensino Básico 2.º Ciclo - O domínio da Educação Literária”,
http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Metas/Portugues/2_ciclo_educacao_literaria.pdf (acedido em 2-1-2017)



VII - 6.º ANO: o cânone escolar proposto pelas Metas

- visão sistematizada

ESCOLHA ANTOLÓGICA DE POESIA DO MUNDO LUSÓFONO

Educação literária **TEXTO POÉTICO**

Poemas de **poetas portugueses** de diferentes épocas e períodos: medieval trovadoresca ("Cantiga de amigo", de D. Dinis...), medieval palaciana ("Cantiga partindo-se", de João Roiz de Castelo Branco, "Serranilha", de Gil Vicente); clássica (Camões, **7 textos, incluindo pequenos fragmentos d'Os Lusíadas**); neoclássica e pré-romântica (Bocage); do séc. XIX (Cesário, Gomes Leal, Nobre); do séc. XX (Pascoaes, Pessoa (**4 poemas**), Nemésio, Torga, Sidónio Muralha, O'Neill, Ruy Cinatti, Homem de Melo, Eugénio de Andrade, Violeta Figueiredo...)

Poemas de **poetas contemporâneos de Brasil** (Manuel Bandeira, Jorge de Lima, João Cabral de Melo Neto...), **Angola** (Viriato da Cruz, Manuel Rui...), **Moçambique** (Craveirinha, Glória de Sant'Anna...), **Cabo Verde** (Jorge Barbosa, Daniel Filipe...), **São Tomé e Príncipe** (Caetano da Costa Alegre, Francisco José Tenreiro...), **Guiné-Bissau** (António Baticã Ferreira), **Timor-Leste** (Fernando Sylvan, Jorge Lauten...).

Poemas do **património literário oral** / literatura tradicional de transmissão oral, popular (romances populares, orações, cantigas...)

Sophia de Mello Breyner Andresen (org.) - *Primeiro livro de poesia* (Caminho, 1991, ilustrações de Júlio Resende.)

(Sobretudo **poesia lírica**. Inclui dois exemplos de **poesia visual**, de Alexandre O'Neill e, maioritariamente, poemas que não foram intencionalmente escritos para a infância.)

VII - 6.º ANO: o cânone escolar proposto pelas Metas

- visão sistematizada

POEMA NARRATIVO (vertente épica da poesia)

Educação literária **TEXTO POÉTICO**

Composição em verso do **romanceiro** (património lit. oral)

"A Nau Catrineta"; "A Bela Infanta" (rec. e adapt.: A. Garrett, *Romanceiro*, 1843 e 1851)

Composição em verso de poeta contemporâneo

Manuel Alegre - *As Naus de Verde Pinho* (1996)

VIII.

Didática da *poesia*: algumas reflexões (I)



- Exploração da ideia de **Lusofonia** (e dos cerca de 250 milhões de falantes nativos do Português), partindo de *Primeiro livro de poesia* – a Língua na diversidade das suas variedades: o Português do Brasil, o de Angola, o de Cabo Verde, o de Portugal... O modo como tal se concretiza discursivamente nos poemas.
- Para tal, recorrer ao glossário da obra, ter em atenção os **contextos histórico-culturais, geográficos e biográficos da criação dos textos** e os **mundos nele representados**: há certos poemas que não se entendem devidamente sem certo conhecimento histórico (ex.: “O burro”, “O ferro” de Mutimati Barnabé João, pp. 30, 44; “O último adeus de um combatente”, de Vasco Cabral, p. 70; “Prelúdio”, de Jorge Barbosa, p. 124; poemas dos poetas timorenses que aludem indiretamente à opressão indonésia, entre 1975 e 1999).
- Embora só **analise 12 poemas**, em todas as aulas, ou pelo menos em duas a três aulas por semana, o **professor lê em voz alta** aos alunos um poema de *Primeiro livro de poesia* (se necessário, com pequena introdução (2-3 m) e registo prévio de algumas palavras cujos significados seja importante esclarecer).

- Leitura/análise de “A Nau Catrineta”, “A Bela Infanta” (romances tradicionais em verso) ou de *As Naus de Verde Pinho*, de Manuel Alegre – bons pontos de partida para **transitar da narrativa para a lírica**, por se tratar de poemas de cunho narrativo/épico, mas com traços que no estudo da lírica podem ser retomados (estrofe, verso, rima, métrica, recursos expressivos, segmentos líricos...). O próprio *Primeiro livro de poesia* tem exemplos de poemas narrativos e de poemas puramente líricos.
- Não contornar os poemas dos **grandes poetas da Língua** (Camões, Pessoa, Torga, O’Neill, Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto...) – NEM TUDO TEM DE SER ENTENDIDO NA POESIA; MAIS IMPORTANTES POR VEZES SÃO A MÚSICA E OS RITMOS DA LÍNGUA, O MODO COMO CERTAS PALAVRAS E EXPRESSÕES ECOAM NA MENTE DO ALUNO, AS INFERÊNCIAS QUE FAZ.
- A familiarização com os grandes mestres da Língua deve começar no 1.º ciclo e continuar no 2.º (às vezes, ter início até no pré-escolar, por exemplo com os poemas de Pessoa para a infância). As crianças devem **saber de cor** poemas de Camões e de Pessoa e conhecer as biografias (resumidas) desses poetas desde muito cedo.

Endechas a Bárbara escrava, Camões

(in *Primeiro livro de poesia*)

Aquela cativa
 Que me tem cativo,
 Porque nela vivo
 Já não quer que viva.
 Eu nunca vi rosa
 Em suaves molhos,
 Que pera meus olhos
 Fosse mais fermosa.



Nem no campo flores,
 Nem no céu estrelas
 Me parecem belas
 Como os meus amores.
 Rosto singular,
 Olhos sossegados,
 Pretos e cansados,
 Mas não de matar.

Uã graça viva,
 Que neles lhe mora,
 Pera ser senhora
 De quem é cativa.

Pretos os cabelos,
 Onde o povo vão
 Perde opinião
 Que os louros são belos.

Pretidão de Amor,
 Tão doce a figura,
 Que a neve lhe jura
 Que trocara a cor.
 Leda mansidão,
 Que o siso acompanha;
 Bem parece estranha,
 Mas bárbara não.

Presença serena
 Que a tormenta amansa;
 Nela, enfim, descansa
 Toda a minha pena.
 Esta é a cativa
 Que me tem cativo;
 E. pois nela vivo,
 É força que viva.

- Talvez mais do que outros tipos de discurso, a poesia permite e reclama **variedade de exercícios de leitura oral** (individual, a dois, coral, jogralesca, etc.).
- A **leitura oral requer treino intencional** da respiração, da altura de voz, da articulação, da pronúncia, da dicção, do modo peculiar de dizer expressivamente a frase A ou a frase B, a palavra X ou a palavra Y, em adequação com o tom e a presumível intencionalidade do poema.

— Certas composições de **autores considerados pouco “escolares”** (pensando no 2.º Ciclo), tais como Pessoa, Alexandre O’Neill, Mário Cesariny de Vasconcelos, Mário-Henrique Leiria, Albano Martins, certos textos inspirados no **haikai ou haiku** japonês (ou haicais mesmo, como os de Matsuo Bashô), alguns **poemas em prosa** (de Mário Castrim, por exemplo) ou **visuais** (de E. M. de Melo e Castro, Salette Tavares, Castrim, Teresa Guedes, Francisco Duarte Mangas e de outros) constituem por vezes bom material poético para abordar em aula e para recriar ou imitar em atividades de escrita.

— Recurso, circunscrito no tempo, a **jogos poéticos** – maior motivação para a leitura e a escrita; favorece o domínio de técnicas (acróstico, lipograma, texto aliterante, caligrama, “cadáver esquisito” (ao modo surrealista), “cortejo” (à maneira de Jacques Prévert), glossário imaginário, novo texto com palavras de poemas desmembrados, frases *nonsensical* ou surrealizantes de estrutura sintática fixa partindo de listas de palavras agrupadas por classes, criação de metáforas e de comparações...). Em suma, jogos que exploram significante e significado, as **diferentes dimensões da linguagem poética: visual, fónica, sintática, semântica.**

- Trabalho de **revisão e aperfeiçoamento de texto**, na escrita de intenção poética – absolutamente essencial (chega a ser mais decisivo do que a própria produção). Desmistificar um pouco a ideia da **inspiração** e valorizar a de **trabalho** minucioso sobre a linguagem.
- **Apresentação visual do poema** produzido, feita com apuro – momento culminante do trabalho de aperfeiçoamento de texto.

IX.

“Rifão quotidiano”,
de Mário-Henrique Leiria -
sugestões para um
roteiro didático (I)



Rifão quotidiano

Uma nêsp^{er}a
estava na cama
deitada
muito calada
a ver
o que acontecia

chegou a Velha
e disse
olha uma nêsp^{er}a
e zás comeu-a

é o que acontece
às nêsp^{er}as
que ficam deitadas
caladas
a esperar
o que acontece.

Novos contos do gin, Estampa, 1973, p. 31

Mário-Henrique Leiria (1923-1980)

<https://www.youtube.com/watch?v=691d8eoHuE0>



Mário-Henrique Leiria

Nasceu em Lisboa em 1923. Frequentou por pouco tempo a Escola de Belas Artes. Entre 1949 e 1951 participou nas atividades do movimento surrealista em Portugal (com Cesariny, Cruzeiro Seixas, António Maria Lisboa e outros). Teve vários empregos: marinha mercante, caixeiro de praça, operário metalúrgico, construção civil. Viajou. Em 1961 foi para a América Latina onde desenvolveu várias atividades, entre as quais a de encenador de teatro e de diretor literário de uma editora. Voltou nove anos depois. Colaborou em várias revistas e jornais nacionais.

Obras principais: *A Afixação Proibida* (manifesto surrealista de vários autores), 1949; *Contos do gin-tonic*, 1973; *Novos contos do gin*, 1978; *Imagem devolvida*, 1974; *Conto de Natal para crianças* (1975); *Casos de Direito Galáctico / O mundo inquietante de Josela – fragmentos* (1975); *Lisboa ao voo do pássaro* (1979); *Casos de Direito Galáctico e outros textos esquecidos* (reedições, 2016).

Geraldo Augusto Fernandes,

<http://folhadepoesia.blogspot.pt/2014/08/a-nespera-deitada-muito-calada-ver-o.html>

(adaptado)

RIFÃO QUOTIDIANO

Alguns objetivos

- Refletir sobre aspetos paratextuais
- Fazer inferências a partir deles
- Ler um poema (que, neste caso, é também uma história)
- Analisá-lo nas suas partes constitutivas (estrutura)
- Formular hipóteses interpretativas
- Formular hipóteses sobre intencionalidade do sujeito poético
- Relacionar a realidade textual com a realidade da vida quotidiana
- Justificar posição face a problema/dilema
- Registrar / utilizar vocabulário novo
- Identificar recursos poéticos e expressivos
- Justificar a utilização de tais recursos no texto
- Relacionar o poema com outros textos, conhecidos ou não (intertextualidade)
- Escrever um texto de intenção poética “à maneira de”
- Pesquisar informação sobre um autor

- 1.** Antes do texto: o que é um rifão?; busca no dicionário: ditado popular, provérbio, anexim...; conhecem rifões?; exemplos; para que servem? Qual o título da obra de onde é retirado o texto? Que prenuncia esse título sobre o texto (tipologia/gênero)?
- 2.** Leitura pelo professor. Alternativa: Mário Viegas diz o poema de forma encenada no YouTube. Visionamento: <https://www.youtube.com/watch?v=691d8eoHuEO>
- 3.** *Contos do gin* (título da obra) anuncia **narrativa**, mas “Rifão quotidiano” surge em verso, é **poema**. Sim, mas poema que se serve de pequenina história, para na última estrofe, liricamente, enunciar a verdade moral do “rifão”.
- 4.** Uma **história** com: **personagens** (Velha, nêspira), **espaço** (cama; inferência: quarto onde está a cama), **tempo** e progressão temporal (antes da chegada da Velha; durante a permanência da Velha), **ação** que pode ser dividida em **momentos** (1 situação inicial: nêspira a ver o que pode acontecer; 2 perturbação: chegada da Velha; 3 transformação/início de ação contrária: exclamação da Velha; 4 resolução/desenlace: Velha come a nêspira; 5 situação final: ∞ - esquema narrativo canónico).

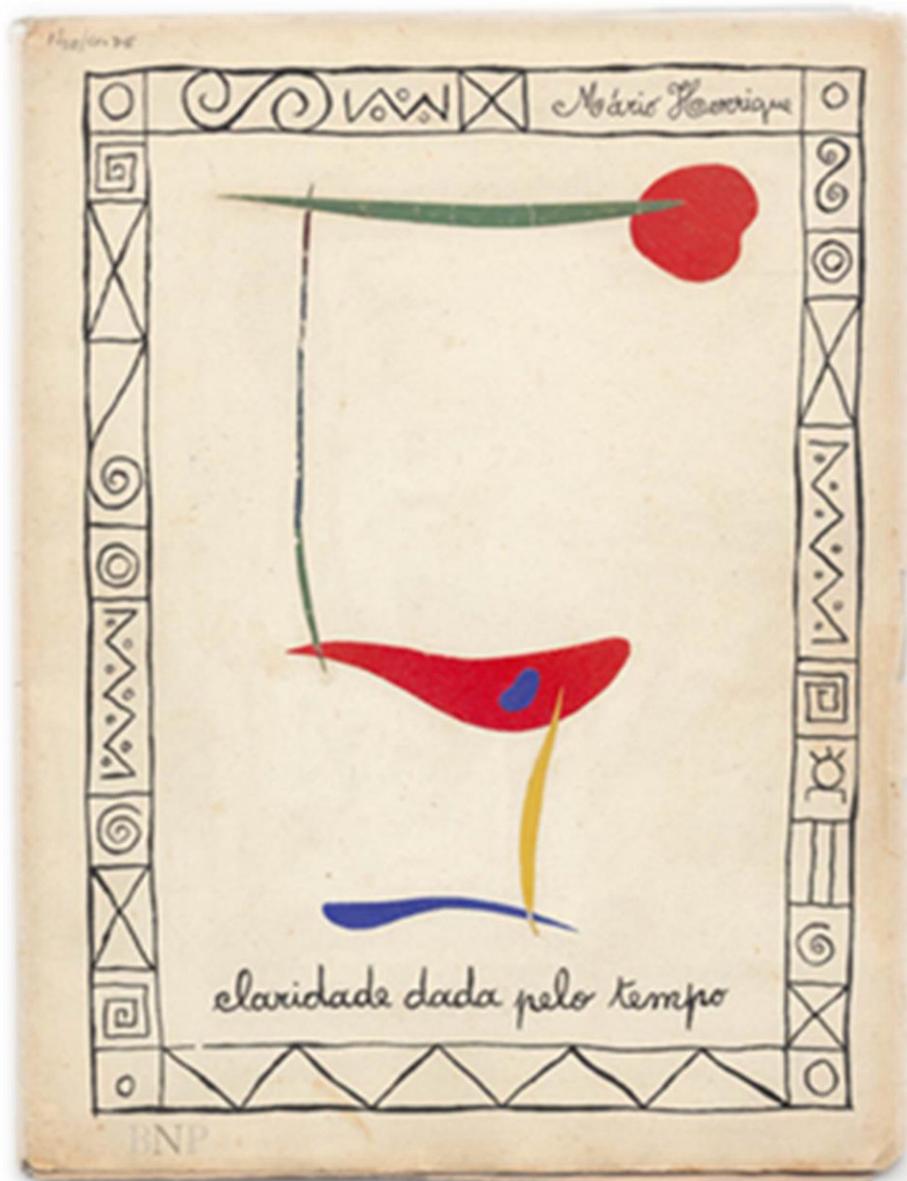
5. **Texto** com duas **partes**: narração da micro-história e conclusão em forma de advertência moralizante. O que é uma advertência? Porque é feita? O exemplo a não ser seguido.
6. Regresso ao **título**: em que parte se concentra a lição de moral do rifão?
7. Explicação do **título**. E porquê “quotidiano”? Será que o texto se refere a algo que acontece todos os dias? Em que situações?
8. Qual o **tema** do texto? Que pensa o sujeito poético sobre a atitude da nêspera? Qual terá sido a sua **intenção** ao dizer o que disse (explorar a dimensão alegórica: quem é que a Velha representa?, quem é que a nêspera representa? A quem se está a dirigir o sujeito?)
9. Busca de rifões ou **provérbios** que possam exprimir a mesma moral – “Fia-te na Virgem e não corras e verás o trambolhão que dás.” / “Fia-te na Virgem e não corras e verás o tombo que levas.” / “Deus ajuda a quem se ajuda”... Registo dos provérbios e do seu significado.

10. Porque terá o sujeito utilizado o **verso** para o seu texto e não a **prosa**? Para uma leitura mais ritmicamente pausada? E assim mais atenta? Para o leitor apreender e aprender melhor a advertência? Para ser mais cómico?

11. Recursos (nomeadamente do **cómico**, marca da escrita de Mário-Henrique Leiria): rimas emparelhadas e interpolada para a marcação rítmica; onomatopeia (que exprime?); o presente das formas verbais na segunda parte do texto indicando uma realidade que se passa todos os dias, que continua a passar-se.

12. Escrita de um poema “à maneira de”: “Um/a _____ | estava na/o _____ | _____”

13. Ler mais: procurar num **dicionário de autores** ou na **Internet** quem foi Mário-Henrique Leiria (descobrir que também foi desenhador; procurar os seus desenhos na Internet); procurar os seus livros na **biblioteca**: *Contos do gin-tonic* e *Novos contos do gin*. Ler alguns dos seus contos.



**Desenho
de Mário-Henrique Leiria**

Três haicais

Que irrisão!
Debaixo de um elmo
Canta um grilo

Matsuo Bashô (1644-1694)
(versão: Jorge de Sousa Braga)
*

O sol nas gotas de orvalho.
Depressa,
colher os diamantes.
*

O silêncio vive numa casa
onde a música
entra quase sem pedir licença.

João Pedro Mésseder,
*À noite as estrelas descem do céu – Iniciação
à escrita de haicais*, ASA, 2016





“A Literatura obriga sempre o aprendiz – seja ele professor ou aluno – à prova da leitura, à decifração, à regulação das associações intertextuais, da imaginação, da memória, a uma resposta emocional, a um juízo, a um acto verbal ou de outra natureza, i. é, a um gesto desautomatizado, pessoal, avesso à repetição. O estatuto peculiar das obras literárias como seres incompletos, ávidos de interpretação e exigindo uma permanente revisão das categorias que aspiram a descrevê-los, gera hábitos disciplinares de aprendizagem e de produção de saber, fabrica atitudes que, por sua vez, marcam o próprio modo do conhecimento, sacudindo fórmulas e ideias feitas. Também a Didáctica da Literatura (DL), que estuda e orienta a formação dos referidos hábitos, se deixa contagiar por esse desassossego. É que o núcleo da disciplina da DL reside na arte de ensinar a ler textos, e ler pertence ao domínio sempre instável da experiência vivida.”

Margarida Vieira Mendes, “Didáctica da Literatura”, s/v, in *Biblos – Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, vol. 2; p. 146.